



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **CULTURA ESCOLAR E LEI MARIA DA PENHA: Brinquedos e brincadeiras desnaturalizando os papéis de gênero no ensino fundamental na cidade do Recife**

Autora – Fábيا Cristina Mendes Barbosa; Co-autora – Maria das Graças A. Ataíde de Almeida

Secretaria da Mulher do Recife – fabinhabarbosa@hotmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco – ataíde@hotmail.com.br

### **Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo analisar os papéis que meninas e meninos exercem na sociedade e na escola, e assim propor a desnaturalização dos papéis de gênero os quais são ensinados no cotidiano escolar. A metodologia teve como percurso um mapeamento do Estado da Arte da temática dos relatórios das oficinas de igualdade de gênero do Programa Maria da Penha vai à Escola da Secretaria da Mulher do Recife, desenvolvidas nas turmas do 3º ao 5º ano nas escolas da rede municipal da cidade do Recife nos anos de 2014 a 2016. Procurou-se destacar através do lúdico os papéis de gênero que são ensinados aos alunos/as através do cotidiano escolar no âmbito dos brinquedos e brincadeiras e suas implicações para o aprendizado de meninas e meninos, para assim desconstruir as relações de gêneros que lhe são impostas. Sabemos que a escola é um espaço social em que meninas e meninos aprendem por meio de símbolos e códigos (BOURDIEU, 2008) assim como constrói relações, mas também delimita espaços para meninas e meninos, instituindo modos de ação e produzindo relações de gênero desiguais. Este estudo propõe-se a discussão da questão de gênero através da ludicidade e de como essas representações construídas estão de maneira simbólica no espaço escolar, a relevância do conhecimento e análise da cultura da escola (JÚLIA, 2011). A ação teve como objetivo contribuir para a desconstrução dos papéis de gênero para que meninas e meninos possam construir e reivindicar direitos iguais.

**Palavras-Chave :**Relações de Gênero; Cultura da Escola; Brincadeiras.

### **Introdução**

A escola é um local, o qual transita conceitos, valores, crenças, relações sociais, entre outras, onde o ser desde a sua infância aprende sobre as relações sociais de gênero. Destacando que as crianças imitam o mundo adulto mesmo desconhecendo a atribuição de valor dada a determinadas ações, profissões, posição social, etc. Elas reproduzem papéis sociais desde muito novinhas por meio de suas

brincadeiras. E tal reprodução acontece naturalmente em diversos ambientes que elas frequentam.

Sabemos que as brincadeiras são atividades universal e inerente às crianças, cada cultura possui uma forma de expressão que é reflexo do meio que vive (GOSSO, 2004). E as brincadeiras são distribuídas entre as relações de gênero, onde menina e menino têm brincadeiras



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

diferentes, as quais são alimentadas pela escola.

Sabemos que escola deveria ser um lugar de interação com a diversidade cultural, em que formas de agir e pensar distintas não fossem considerado como algo não aceitável para o ambiente escolar, por isso o espaço escolar acaba reproduzindo os padrões da sociedade e repassado de maneira impositiva o papel que meninas e meninos devem ter. Carvalho (2013, p. 65) ressalta que “a escola é simultaneamente reprodutora e transformadora das diferenças de gênero devido às contradições que nela ocorrem e às que ela própria introduz”.

Contudo, o presente artigo tem como objetivo analisar os papéis que meninas e meninos exercem na sociedade e na escola, e assim propor a desnaturalização dos papéis de gênero os quais são ensinados no cotidiano escolar.

Diante disso, surgiram os seguintes questionamentos: quais são as brincadeiras e brinquedos de meninas e meninos que são ensinadas no cotidiano escolar? Como podemos desconstruir esses papéis de gênero que são reproduzidos no ambiente escolar?

Nesta perspectiva, esses questionamentos serão respondidos através das observações dos relatórios das educadoras sociais das oficinas de Igualdade de Gênero do Programa

Maria da Penha vai à Escola da Secretaria da Mulher do Recife, as quais foram realizadas nas escolas municipais da cidade do Recife, nas turmas do 3º ao 5º ano, nos anos de 2014 a 2016.

Entendemos que se faz necessária essa desnaturalização dos papéis sociais não podendo mais continuar reproduzindo brincadeiras e brinquedos para meninas e meninos no ambiente escolar. Deste modo, os profissionais da escola precisam reavaliar suas práticas pedagógicas, seus conceitos e preconceitos sobre o que é tido como masculinidade e feminilidade. Bíscaro (2000, p. 37) nos diz que “o fato de os professores e professoras não se questionarem sobre as produções de identidades de gênero na escola acaba reafirmando estereótipos do que é ser menino ou menina”.

Por essa razão que a escola deve ser neutra nesta construção, para que assim possamos ter meninas e meninos brincando sem distinção de sexo ou de segregação entre os gêneros. Desta forma, este artigo aponta possibilidades da desnaturalização dos papéis de gênero desde a infância para que essas crianças possam ter condições de desenvolver seus potenciais.

### **Escola x Cultura Escolar**

Sabemos que a escola tem uma cultura, a qual foi internalizada por todos que compõe este espaço. Para Bourdieu (2008), a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de conhecimentos, ou seja, de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

reprodução de uma geração para outra. Desse modo, vemos que a escola contribui para as desigualdades sociais.

A cultura de escola remete, assim, para a existência, em cada escola, de um conjunto de factores organizacionais e processos sociais específicos que relativizam a cultura escolar, enquanto expressão dos valores, hábitos, comportamentos, transmitidos pela forma escolar de educação a partir de determinações exteriores. (CARVALHO, 2006. p. 6).

O autor vem nos mostrar que a cultura escolar foi estabelecida pelos hábitos, comportamentos e valores patriarcais da sociedade. Destacando que a cultura escolar foi criada a partir dos conjuntos de normas e leis que estabelece a escola, conforme Júlia (1995) retrata:

É necessário, justamente, que eu me esforce em definir o que entendo aqui por *cultura escolar*; tanto isso é verdade que esta cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. [...] Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001, p. 10).

Desta forma, a cultura escolar tem um objetivo para cada década vivenciada na escola, estabelecendo assim, uma relação de poder e de influencia sobre os que a compõe.

Forquin (1993) chama atenção que a escola carrega estigmas diferenciados da cultura, por isso a cultura escolar é arraigada e desmotivadora para o crescimento da comunidade escolar.

A educação não transmite jamais a cultura, considerada como um patrimônio simbólico e unitário e imperiosamente coerente. Nem sequer diremos que ela transmite fielmente uma cultura ou culturas, elementos de cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade, que podem provir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneos e não recorrer aos mesmos procedimentos de legitimação. Isto significa dizer que a relação entre educação e cultura poderia ser mais bem compreendida através da metáfora da *bricolagem* (como reutilização, para fins pragmáticos momentâneos, de elementos tomados de empréstimos de sistemas heterogêneos) do que através da metáfora do reflexo ou da correspondência expressiva. (FORQUIN, 1993, p 15).

Desta forma, a escola tem diversas culturas, mas ao transmitir esse conhecimento ela se condiciona apenas na cultura enraizada de um saber próprio dos conteúdos escolares, descartando a homogeneidade de culturas existentes, e assim, reproduzindo um modelo de educação eclesiástica, esquecendo que essa reprodução tem poder de influenciar os/as alunos/as que passam por esse ambiente escolar, carregam consigo uma cultura e uma bagagem de conhecimento.

Rodrigues (2001) vem nos dizer que a escola é um espaço que ocorre todo tipo de relação.

Ela (a escola) é influenciada e influencia a realidade social. Sofre as influências da concepção de cultura, de homem e de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cidadania presentes na sociedade. Ela não se encontra de forma neutra frente às interferências, nem há como imaginar que poderia ser construída isolada delas. A escola sofre as interferências e influências do conhecimento científico e do desenvolvimento da tecnologia. Isto é óbvio. A escola lida com o universo da cultura. Ela prepara e forma os indivíduos para o acesso ao conhecimento e para o domínio dos princípios do desenvolvimento científico e de sua aplicação prática através da tecnologia. (RODRIGUES, 2001. p. 58).

A escola é um lugar de naturalização de papéis, os quais são construídos a partir da cultura que se vive, ou seja, a cultura escolar se desenvolve nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares (JÚLIA, 2001).

### **Relações de Gênero nas Brincadeiras e Brinquedos**

Para adentrarmos em relações de gênero, precisamos entender o que é gênero? Scott (1995) ressalta:

Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana (SCOTT, 1995, p. ).

Este conceito nos mostra que existe diferença entre homens e mulheres biologicamente, e as várias interações humanas. Portanto, como nos diz Scott (1995, p. 12) “gênero pode ser entendido como a organização social da diferença sexual”.

Desse modo, o gênero está associado ao social, ou seja, ao meio que vivemos, e que

muitas das vezes são impostos pela sociedade, como: a mulher é um ser frágil, nasceu para ser mãe, casar e ter filho, enquanto que o homem é o provedor da casa, por isso ele tem o poder sobre a mulher e toda a família.

Bourdieu (1992 apud Lamas 1999) ressalta que essa representação de gênero, presente na sociedade, é uma forma de poder e uma forma de violência simbólica, na qual os homens se impõem sobre as mulheres.

Diante disso, vemos que a escola também contribui para reforçar essa representação dos gêneros, principalmente através das brincadeiras e brinquedos, por exemplo: as meninas só brincam de casinha e boneca, são mais amáveis e já nascem com instinto maternal, os meninos brincam de super heróis e sempre correndo, são brutos e salvadores do mundo, gostam de jogar bola e brincar de carrinho; e quando se trata das cores, o rosa é a cor das meninas e azul dos meninos, assim vai se alimentando os gêneros.

Segundo (LOURO, 1997, p.58): “[...] a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” Dessa forma, a escola vem assumindo um papel vital na reprodução e construção da masculinidade e feminilidade das crianças.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Sabendo que a ludicidade é fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas vemos o quanto às brincadeiras e brinquedos não estão entrelaçado às relações de gênero, pois ainda existe uma separação entre meninas e meninos o qual precisamos mudar essa realidade.

Destacando que a ludicidade não é considerada apenas para jogos ou brincadeiras, mas todas as funções que estimulem o aprendizado de maneira satisfatória e livre, podendo ser coletiva ou individual (LIMA, et.al, 2017).

### **Metodologia**

A metodologia teve como percurso um mapeamento do Estado da Arte da temática através dos relatórios das oficinas de igualdade de gênero do Programa Maria da Penha vai à Escola da Secretaria da Mulher do Recife, desenvolvidas nas turmas do 3º ao 5º ano nas escolas da rede municipal da cidade do Recife nos anos de 2014 a 2016.

Para tanto, analisamos 30 (trinta) relatórios das oficinas de igualdade de gênero das educadoras sociais, sendo 10 relatórios para cada ano (2014, 2015 e 2016). A escolha do período de tempo de análise foi feita em função da criação do Programa Maria da Penha vai à Escola, o qual foi em 2014.

Desse modo, buscamos mostrar os papéis de gênero que são naturalizados através das

brincadeiras e brinquedos no ensino fundamental na cidade do Recife.

### **Resultados e Discussão**

O Programa Maria da Penha vai à Escola, surgiu em 2013 através de uma Ação de prevenção ao Combate a Violência Doméstica, no Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra as Mulheres da Secretaria da Mulher do Recife.

Neste plano, a ação foi considerada de natureza permanente, sendo gerida pela Secretaria da Mulher.

Fomentando uma educação não sexista, que garanta o desenvolvimento de uma cultura de igualdade entre homens e mulheres a partir da infância; destinando as ações a estudantes de ambos os sexos do ensino fundamental da rede pública municipal, priorizando os anos iniciais (BRASIL. 2013-2016).

Desse modo, a Ação foi elaborada dentro das normativas metodológica: Constituição Federal - CF/1988; Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra Mulher; Convenção de Belém do Pará (adotada em Belém do Pará/Brasil, em 9 de junho de 1994, no vigésimo quarto período ordinário de sessões da Assembleia Geral); Lei Maria da Penha – Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006 e o Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra a Mulher do Município do Recife 2013 - 2016.

Em maio de 2014, o programa deu inicio as suas atividades nas escolas da rede municipal do Recife. Tendo como objetivo construir um ambiente escolar onde meninas e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

meninos de diferentes identidades valorizem as diferenças e construam a igualdade.

O programa tem uma abordagem voltada para uma educação não sexista, do enfrentamento da violência contra as mulheres, desenvolvida a partir da perspectiva de gênero e beneficiando professoras e crianças do 3º ao 5º ano das escolas municipais.

A proposta metodológica do Programa é construtivista tendo como base os estudos de Freire (1999), destacando que a aprendizagem na escola incide no processo de estruturação de saberes e reflexão, assim valorizando os conhecimentos prévios dos alunos/as para proporcionar debates acerca das questões atuais como combate a violência doméstica e valorização da igualdade entre meninos e meninas.

Outro ponto importante do Programa Maria da Penha vai à Escola é sua fundamentação na área educacional e destaca a importância de se trabalhar as relações de igualdade de gênero, em que meninas e meninos têm direitos iguais, conforme garante a Constituição Federal CF/1988), assim como outros instrumentos legais tais como: LDBEN (1996); PCN'S (1998); Lei Maria da Penha – Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006, Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra a Mulher do Município do Recife 2013 – 2016 e o Decreto 28.980 de 29 de julho de 2015 que regulamenta o funcionamento do

Programa Maria da Penha vai à Escola nas escolas da rede municipal da cidade do Recife.

Sua execução ocorre no período de 08 (oito) meses do ano, nas escolas municipais da cidade do Recife, tendo 03 oficinas temáticas tais como: Noções de Cidadania, Igualdade de Gênero e Lei Maria da Penha – Qual a sua importância? Sendo realizadas em sala de aula, de forma lúdica-pedagógica, focada na troca de conhecimento, através de vídeos, confecção de fanzines e cartazes; revista coquetel do Maria da Penha vai à Escola.

Ressaltando que o Programa é executado por uma equipe multidisciplinar composta por coordenação pedagógica (pedagoga), educadoras sociais, psicóloga e arte educadoras qualificadas na abordagem de gênero e educação.

Diante do exposto, o programa de 2014 a 2016, já atendeu 7683 crianças, conforme mostra a figura 1.

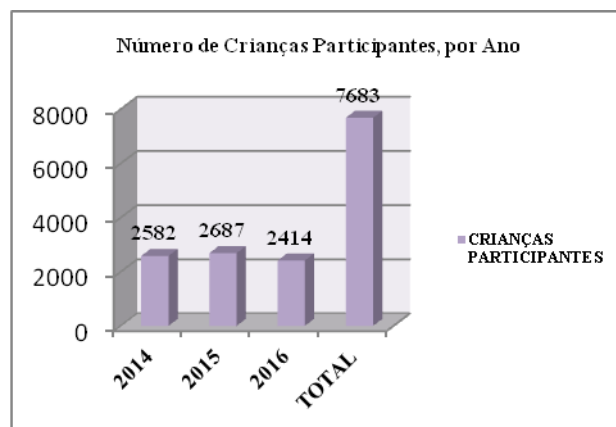


Figura 1

Destacando que o número de participantes alcançados deu-se ao número de escolas



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atendidas, que foram 167 escolas durante esses 3 (três) anos de programa, conforme consta na figura 2. Salientando que a escola é um local de aprendizagem de diferentes saberes e de formas de socialização, é também um espaço de construção e desconstrução de normas e valores sociais. (GOUVEIA-PEREIRA, 2008).

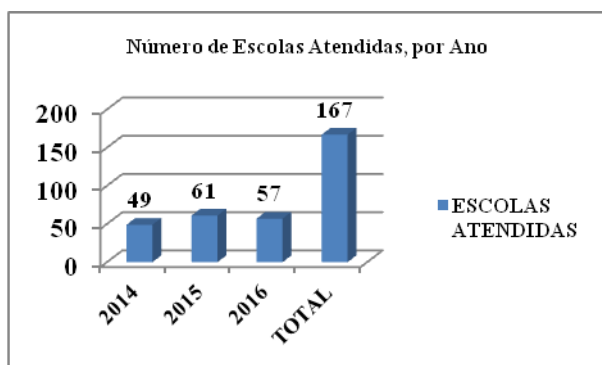
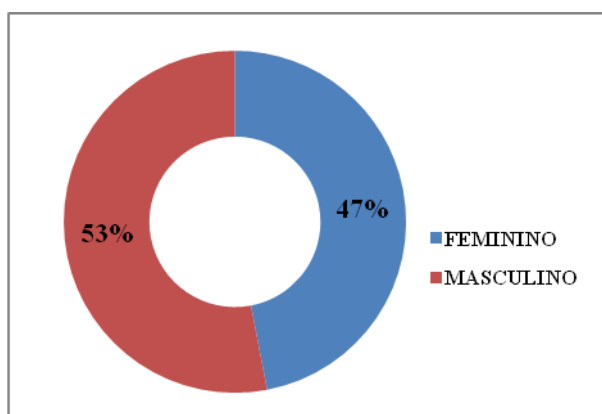


Figura 2

Os estudantes beneficiados por gênero foram um total de 7683, sendo 3611 feminino e 4076 masculino. A figura 3 mostra que o programa atendeu 53% do sexo masculino, tendo uma desigualdade de gênero no âmbito escolar.



Em relação às oficinas temáticas (Noções de Cidadania, Igualdade de Gênero e Lei Maria da Penha – Qual a sua importância?) foram realizadas no total de 501.

Nossa discussão se dar a cerca das oficinas de Igualdade de Gênero, as quais foram realizadas 167, sendo trabalhadas com os vídeos “Menino Tito – Menino brinca de boneca?” E “Mc Sophia – Brincadeira de Menina e de Menino” e trabalho em grupos em confecção de desenhos, murais e fanzines. Nos relatórios das educadoras foram apresentadas as seguintes questões:

1. As meninas se agrupam separadas dos meninos;
2. Nas salas de aulas não tem brinquedos, desse modo às crianças trazem de casa;
3. As professoras não fazem nenhuma intervenção sobre a desconstrução dos papéis de menino e menina.

No debate acerca das brincadeiras de meninas e meninos, nos relatórios das educadoras apareceram as diversas falas, mas essas são as que mais são trazidas pelos os meninos: “*menino não brinca de boneca, por que isso é coisa de menina*”; “*meu pai disse que menino não pode brincar de boneca, por que pode virar gay*”; “*menino é macho, ele não brinca com menina*”; “*menino brinca de carrinho e de bola*”. Diante dessas falas/frases vemos o quanto é naturalizado para os meninos qual o seu papel na sociedade, pois eles se verem diferente das meninas.

Enquanto que as meninas disseram: “*menina brinca de boneca, de casinha, de professora,*



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*maquiagem*”; “*menina pode brincar do que quiser*”; “*brincamos mais de boneca*”; “*menina não brinca de bola*”; “*menina brinca de casinha com o menino, ela é a mãe e o menino é o pai*” essas são as das meninas, pois elas mostram o papel da menina na sociedade, as quais foram ensinadas. Destacando que essas falas foram trazidas antes dos vídeos e das atividades lúdico-pedagógicas.

Após a exibição dos vídeos, as crianças começam a refletir sobre as brincadeiras de menina e de menino, explanando opiniões contrárias do que tinham falando antes, relatando fatos de sua vivência tais como: “*o professor de educação física não deixa as meninas participarem do futebol, já que não tem brincadeira para menina e menino*” – Aluna da Escola M. São Francisco; “*mas o futebol é coisa de menino, e a menina não sabe jogar mesmo*” – Aluno da Escola M. de Santo Amaro; “*menina e menino podem brincar do que quiser, por que não existe brincadeira de menino e menina, assim como mostrou no vídeo*” – Aluna da Escola M. Ibura de Baixo.

Diante do exposto vemos que a maioria das crianças trazem em sua fala uma cultura enraizada da prática machista, onde foram educadas para viverem separadas em alguns momentos.

Outro fato que as educadoras chamaram atenção foi às escolas públicas não terem brinquedos para as crianças, alimentando assim essa segregação de meninos e meninas. Pois, ao pedir que as crianças que se reunissem em subgrupos, automaticamente elas ficavam entre os sexos iguais, tendo um ou dois subgrupos misto. Ou seja, mais de 90% das crianças da sala ficavam reunidos em grupos de meninos ou de meninas, essa separação ocorre sem nenhuma interferência da professora.

As educadoras questionaram as crianças devidos não trabalharem junto com meninos e meninas, tendo uma ovação de fala dizendo “*meninas são muito chatas*”, “*elas gostam de mandar*”, “*elas escrevem muito*”, “*meninos não se misturam com meninas*”, “*eles não fazem nada*”, “*os meninos gostam de ficar gritando*”. Nota-se que os estereótipos que as crianças trazem em relação em trabalhar juntos estão atrelados à representação no qual o sexo é identificado através da convivência.

Nos relatórios foram percebido que 95% do professorado do ensino fundamental é feminino e 5% masculino, mostrando a desigualdade de gênero na categoria profissão para esse público. Mas, as educadoras chamam atenção a não participação delas para desnaturalização dos papéis de gênero das crianças, pois muitas não participaram das oficinas, assim como não intervirão nas falas





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

das crianças acerca dos estereótipos das brincadeiras e brinquedos.

Diante disso, vemos que a escola e toda comunidade escolar, deve assumir o papel de desconstruir pensamentos como este, realizar um trabalho de discussão da igualdade de gênero, seja trabalhado sem reforçar os preconceitos e promovendo o respeito às diferenças, e que ao realizar atividade lúdica proporciona uma auto reflexão no comportamento, provocando uma mudança de hábito e valores.

### Conclusão

Entendemos que as divisões das brincadeiras em “coisas de menino” e “coisas de menina” é algo histórico, não é uma invenção de determinado pai ou mãe. Nesse sentido, desconstruir a problemática e compreendê-la não é tarefa fácil.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), o artigo 07 trata da importância de se educar construindo novas formas de socialização e de subjetividade que sejam comprometidas com os aspectos lúdicos, ao mesmo tempo em que promovam o rompimento das relações de dominação de gênero. Já o artigo 9, exige sobre a importância de as escolas promoverem o respeito pelos desejos e expressões de individualidade das crianças.

Desse modo, o Programa Maria da Penha vai à Escola, vem tentando desconstruir esses papéis de gênero, mostrando para meninas e meninos, que eles têm direitos iguais, começando pelas brincadeiras e brinquedos, pois sabemos o quanto é importante debatermos sobre essas temáticas.

Por outro lado, vemos que trabalhar a igualdade de gênero de forma lúdica possibilita um aprendizado diferenciado, e uma adesão a uma educação não sexista.

### Referências Bibliográficas

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <[www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm](http://www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm)>.

\_\_\_\_\_. **Lei Maria da Penha nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

\_\_\_\_\_. **Decreto 28.980 de 29 de julho de 2015**. Regulamenta o Programa Maria da Penha vai à Escola. Diário Oficial da Prefeitura do Recife. Nº 065. Recife, 2015.



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

\_\_\_\_\_. **Decreto 27.854 de 32 de março de 2014.** Plano de Enfrentamento da Violência de Gênero contra a Mulher do Município do Recife 2013-2016. Diário Oficial da Prefeitura do Recife. Nº 36. Recife, 2013.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília: MEC, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARVALHO, Renato Gil Gomes. **Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria.** Revista Iberoamericana de Educación. Portugal, <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1434GilGomes.pdf>>. Acesso em: 14 Nov. 2018.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto historiográfico.** Tradução: Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, nº 1, p. 9-44, 2001. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/issue/view/26>. Acesso em: 14 Nov. 2018.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária.** 10ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. 97p. (Coleção Questões da Nossa Época – volume 54).

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993, 208

p. resenha de: FRANCO, Aléxia Pádua. Educação e Filosofia, v. 11, n. 21/22, p. 305-310, jan/jun. e jul./dez. 1997. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/903/818>. Acesso: 10 Nov. 2018.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.02, p. 71-99, jul./dez. 1995.